



O poder das mulheres católicas em tempos de mudança

Catholic Women's Power in Changing Times

Mary E. Hunt*

Resumo: Mudanças políticas significativas estão ocorrendo no Brasil, Estados Unidos e muitos outros países. Da mesma forma, mudanças eclesiais estão ocorrendo na Igreja Católica Romana durante o pontificado de Francis. Este artigo explora algumas das dinâmicas que incluem cargos maiores para as mulheres e as reações que acompanha essas mudanças. Um dos resultados é o que a autora chama de "Catolicismo Cósmico", uma maneira de descrever uma ampliação e aproximação religiosa cada vez mais inclusiva, que pode ser conducente à justiça e socialmente útil.

Palavras-chave: Catolicismo. Catolicismo cósmico. Feminismo. Ministério. Pessoas sem religião. Papa Francisco. Poder.

Abstract: Significant political changes are taking place in Brasil, the United States, and many other countries. Likewise, ecclesial changes are taking place in the Roman Catholic Church during the pontificate of Francis. This paper explores some of the dynamics that include larger roles for women and backlash that accompanies such changes. One result is what the author calls "Cosmic Catholicism," a way to describe a broadening and increasingly inclusive religious approach that can be conducive of justice and socially useful.

Keywords: Catholic. Cosmic Catholicism. Feminist. Ministry, "Nones". Pope Francis. Power.

Introdução

Tanto o Brasil quanto os Estados Unidos estão vivendo uma experiência de agitação/convulsão social e política raramente vista em ambos os países. Sejam as discussões sobre o impedimento da presidenta Dilma Rousseff, seja o rolo compressor do candidato à presidência Donald Trump sobre a candidata Hillary Clinton e outros no caminho, mudança é a

* Mary E. Hunt, Ph.D, cofundadora do Women's Alliance for Theology, Ethics and Ritual (WATER). Contato: <mhunt@hers.com>.



normativa. Como isso se relaciona às experiências de mulheres católicas progressistas durante o pontificado de Francisco?¹

Mulheres católicas são canárias na mina de carvão quando se trata da Igreja Católica de Roma. Vivemos um tempo liminar, quando a mudança está chegando mais rápida e profundamente que a maior parte das pessoas pode perceber. Eu exploro essa situação em três partes, (1) começando por analisar o contexto atual, (2) em seguida sustento que mudança é importante e (3) concluo com uma forma de descrever em quem os/as católicos/as estão se tornando, a saber, Católicos/as Cósmicos/as. A minha perspectiva fundamenta-se na realidade dos EUA, mas acredito que ecoa em outros contextos também.

O Papa Francisco acertou quando disse: “Não estamos vivendo uma era de mudanças, mas uma mudança de era” (9 nov. 2016). Essa declaração, enterrada pela maioria da imprensa, mas capturada por alguns olhares de águia, resume adequadamente a situação da comunidade católica. Eu nasci e cresci católica. Tenho trabalhado há décadas como teóloga e ativista feminista para transformar a Igreja institucional de hierárquica, ou como Elisabeth Schüssler Fiorenza descreveu, uma estrutura kyriárquica (ou seja, configurada a partir de formas interconectadas de opressão, proeminentemente racismo, sexismo, heterossexismo, colonialismo, entre outras) em uma comunidade igualitária, ou como ela chamou: um “discipulado de iguais”.²

O Discipulado de Iguais inclui o movimento de mulheres-igreja das comunidades de base feministas; o movimento de ordenação que possui várias expressões organizacionais; movimentos pela justiça reprodutiva, pelos direitos *queer*, dos padres casados, pela plena comunhão dos divorciados, entre outros movimentos. Ouso dizer que estes estão mudando a face do catolicismo.

O erro do Papa Francisco foi a sua continuada incapacidade ou falta de vontade em lidar com o fato de que um dos principais componentes desta nova era é a participação plena e igualitária das mulheres em todo o mundo, em matéria de igreja e sociedade, especialmente na liderança e na tomada de decisões. Ironicamente, tais mudanças estão acontecendo em quase todos os lugares, menos na Igreja Católica.

Pense na liderança de mulheres no Canadá, por exemplo. Enquanto o número de membros do parlamento ainda está abaixo do que a ONU recomenda em qualquer governo, o gabinete do primeiro-ministro Trudeau é igualitário em termos de gênero. Considere o mundo dos negócios. A Air Índia celebrou, em 2016, o Dia Internacional da Mulher, mandando uma equipe composta somente de mulheres para fazer o seu voo mais longo, de Nova Deli para San Francisco. Estamos longe da igualdade, especialmente para mulheres pobres com filhos e filhas dependentes, mulheres

¹ Tradução Marie Krahn. (N. do E.)

² Elisabeth Schüssler Fiorenza, *Wisdom Ways: Introducing Feminist Biblical Interpretation* (Maryknoll, NY: Orbis, 2001), p. 134.



imigrantes e refugiadas e outras. Mas a obstinação impressionante da Igreja Católica de Roma quanto às questões relacionadas às mulheres – que são todas as questões – faz a declaração do papa sobre estarmos vivendo uma mudança de era ser misteriosa ou desonesta, ou ambos.

Da mesma forma, quando pessoas bem-intencionadas louvam o pontífice como sendo uma evolução considerando os papas anteriores, temos simplesmente um reflexo das baixas expectativas quanto aos papas. Tais declarações elogiosas são verdadeiras somente se houver um enorme parêntese dentro do qual se encaixam todas as mulheres católicas, para que possamos dizer que o papa é grande para a metade da Igreja. Por exemplo, o teólogo Leonardo Boff enaltece Francisco como praticamente a reencarnação de Jesus, citando o posicionamento morno e tímido do papa sobre talvez usar o controle de natalidade em face do vírus da Zika como uma prova da mudança.³ Repito: nossa expectativa é baixa. Tais elogios proferidos por Boff e outros, sem réplicas explícitas sobre as posições de Francisco com relação às mulheres e às pessoas LGBTQs, são profundamente insultantes para as mulheres católicas e homossexuais que aparentemente não contam muito no mundo imaginado por Boff. Se uma noção de senso comum, como o controle da natalidade em face de uma doença que prejudica bebês, é considerada à *lá* Jesus, a nossa expectativa é menor do que eu pensava. O que é preciso para abrir um diálogo?

I. Contexto atual

Permita que eu explore a nova realidade Católica, essa mudança de era.

a. A diversidade de coisas católicas

A palavra “católico”, hoje, define uma multiplicidade de formas de ser religioso ou religiosa. Quando James Joyce escreveu “Aqui vêm todos”, ao tentar descrever o catolicismo no livro *Finnegans Wake*, eu duvido que ele tinha alguns ou algumas de nós em mente.⁴ Mas uma coisa que podemos afirmar sobre o catolicismo do século XXI é que ele está muito mais diversificado do que em qualquer outro tempo da história da Igreja.

O crescimento do catolicismo na África e na Ásia nas últimas duas décadas é a grande novidade do momento. É surpreendente que os bispos africanos passaram de sujeitos colonizados em Roma para líderes de pensamento para toda a Igreja. Independentemente do que eu acho de alguns de seus pensamentos no Sínodo dos Bispos sobre a família de 2015 – alguns deles foram notavelmente conservadores –, suas vozes são bem-vindas numa Igreja democrática.

³ BOFF, Leonardo. “Pope Francis restores the good sense of Jesus”. Disponível em: <<http://www.tikkun.org/nextgen/pope-francis-restores-the-good-sense-of-jesus-by-leonardo-boff>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

⁴ JOYCE, James. *Finnegans Wake*, Nova York: Faber and Faber, 1939.

A globalização tem muito a ver com as mudanças. Mas também impacta o melhoramento dramático na comunicação que permite que nós do norte e do oeste, por exemplo, aprendamos com e sobre os nossos colegas de outras partes do mundo, especialmente daqueles em locais que foram marginalizados e periféricos à dinâmica do poder da Igreja. Não quero aqui sugerir que somos uma igreja justa ou igualitária quando se trata de partilha dos recursos ou de tomar várias experiências como normativa. Na verdade, estamos longe disso. Acho, porém, que é difícil contestar o impacto de pessoas de todo o mundo sobre coisas católicas no século XXI. Que, na minha opinião, é uma coisa boa, mesmo, repito, quando eu não concordo totalmente com as opiniões articuladas.

Por exemplo, o Cardeal Robert Sarah, da Guiné, advertiu o sínodo que a família moderna enfrenta “duas ameaças inesperadas, quase como duas bestas apocalípticas, localizadas em polos opostos: por um lado, a idolatria da liberdade ocidental; por outro, o fundamentalismo islâmico; o que o nazifascismo e o comunismo eram, no século XX, as ideologias ocidentais sobre homossexuais e o aborto e o fanatismo islâmico são hoje.”⁵ Eu não poderia discordar mais dele, mas estou muito contente que a sua voz está na conversa, assim como um dia espero que ele esteja feliz em ouvir a minha voz.

Na Conferência de Ordenação das Mulheres/Ordenação de Mulheres ao Redor do Mundo [Women’s Ordination Conference/Women’s Ordination Worldwide – WOC/WOW] na Filadélfia, em setembro de 2015, as mulheres da Índia falaram sobre trabalhar com os seus bispos. Resta saber tempo isso vai durar. Elas executam programas que dão à Igreja uma ideia das experiências das mulheres. No Ocidente, poucas delas encontraram uma maneira de fazer isso sem serem totalmente cooptadas pelos homens ou sem terem de desistir porque a dinâmica de poder era tão flagrantemente desequilibrada.

As mulheres do México que participaram da WOC / WOW descreveram seus esforços para engajarem-se no ministério e na formação das suas comunidades. Na mesma reunião, as australianas foram um grupo impressionante, sendo improvável que se submetessem a qualquer um em sua igreja. É claro que, muitas destas mulheres, como muitas de nós nos EUA, têm uma boa formação escolar, são mulheres ricas, privilegiadas, o que significa que muito pouco mudou. Ainda assim, da mesma forma que as diversas influências culturais moldam as novas realidades do século XXI, a Igreja Católica não está imune a elas.

Um evento do Dia Internacional da Mulher no Vaticano, Vozes de Fé, foi um bom exemplo das bênçãos misturadas que podem surgir. O encontro foi organizado por um grupo de mulheres de algumas das mais ricas famílias de doadores à Igreja Católica, muitas com suas próprias

⁵ Disponível em: <<http://www.wsj.com/articles/africans-defend-conservative-line-on-gays-divorce-at-catholic-bishops-synod-1444901457>>. Acesso em: 27 mai. 2016.



fundações que mantêm a instituição Igreja. Essas mulheres têm se encontrado com funcionários do alto escalão da Igreja em Roma, muitos amigos de família há anos.

Este foi o seu terceiro evento público realizado no Vaticano para o Dia Internacional da Mulher. Com apresentações pela manhã de obras tradicionais de caridade, incluindo resgate de noivas crianças, apoio às mulheres imigrantes, ajuda para mães com bebês, etc., houve um painel da tarde sobre liderança feminina na Igreja presidida por um jesuíta, uma escolha estranha para o único dia do ano em que as vozes das mulheres são convidadas. As palestrantes cuidadosamente evitaram levantar questões polêmicas, que incluíam o controle de natalidade, o aborto, a ordenação feminina e questões LGBTIQs, que fez com que todo o exercício, a meu ver, fosse muito menos frutífero do que poderia ter sido.

Senti que a facilidade com que as mulheres ricas abraçavam a caridade, ansiosas e dispostas a ajudar os menos afortunados, estava equiparada somente ao medo e à relutância em pedir por justiça para as mulheres dentro das estruturas eclesiais. Ainda assim, o fato de que tais discussões estão ocorrendo em todo o mundo, especialmente no Vaticano, mesmo que tardiamente, é, a meu ver, um pequeno passo na direção certa, uma indicação de mudança. Mas pode ser perigoso se esse tipo de diálogo for considerado a coisa real – um desabafo honesto e robusto do escandaloso desrespeito teológico, estrutural e prático para com as mulheres que é normativo na instituição católica. Além disso, é altamente problemático que esse trabalho continue sem levar em conta os movimentos de justiça reprodutiva, direitos *queer*, etc. Mulheres enquanto mulheres não são a solução; feministas enquanto feministas são.

b. A ascensão dos/as “sem religião”

Outro fator que vem sendo protagonista nessa mudança de era é a ascensão dos/as sem religião, as pessoas que marcam “nenhuma das opções acima” quando se trata de afiliação religiosa. Um estudo recente da Pew Research Center indicou que 23% dos adultos e adultas americanos se identificam nessa categoria, e estão tornando-se cada vez mais seculares, ou seja, menos religiosos/as com o passar do tempo.⁶ Em contraste com estes e outros dados, os/as católicos/as parecem estar “declinando tanto em porcentagem da população quanto em números absolutos. O novo levantamento indica que há, aproximadamente, 51 milhões de católicos/as adultos/as nos EUA hoje, aproximadamente 3 milhões a menos que em 2007”.⁷ Podemos concluir que um menor número de pessoas acha que a religião é útil, fenômeno este que varreu a Europa nas últimas décadas. O número crescente de ex-católicos é considerado a segunda maior denominação dos EUA.

⁶ Disponível em: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/11/11/religious-nones-are-not-only-growing-theyre-becoming-more-secular/>>.

⁷ Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2015/05/12/americas-changing-religious-landscape/>>.

Os números canadenses são de 2013, ao contrário dos números americanos, que são de 2015, mas são bem parecidos: “Dois terços dos canadenses (incluindo adultos e crianças) não se identificam nem como católicos nem como protestantes, mas os dois grupos cristãos têm presenciado uma evasão substantiva do seu público, de acordo com a análise feita pelo Fórum em Religião & Vida Pública do Pew Research Center. A porcentagem de canadenses que se identificam como católicos diminuiu de 47% para 39% nas últimas quatro décadas, enquanto o número daqueles que se identificavam como protestantes diminuiu ainda mais, passando de 41% para 27%.”⁸ Suspeito que essa tendência deva se repetir na América Latina. Se estivesse na liderança de qualquer um desses grupos, eu estaria preocupada com minha parcela de mercado.

Esses números possuem um significado concreto. A maioria das famílias católicas acha que um número significativo de seus membros não é mais praticante do catolicismo, tendo as pessoas mais jovens uma menor tendência que os mais velhos de se engajarem em religião organizada, sugerindo que este sentido continue no futuro. Mesmo assim, um maior número de famílias experimenta uma nova *forma* de ser católico. Elas estão pensando por si mesmas, usando pílula anticoncepcional, praticando abortos na mesma escala que mulheres que não estão filiadas a nenhuma religião, e assim por diante. Entre as jovens há uma porcentagem maior em comparação com os jovens que não estão envolvidos na Igreja por motivos, penso eu, que não são coincidências. A espiritualidade, como direito humano, está, neste momento, sendo violada em vários níveis pela instituição Igreja Católica. Não devemos estranhar por que motivos estas pessoas estejam se retirando da Igreja.

c. O Papa Francisco como uma força na história

O que o Papa Francisco tem a ver com isso? Estamos no quarto ano de seu papado. O período introdutório, também conhecido como a lua de mel, acabou e o desenho do seu pontificado está claro. Católicos conservadores estão certos de que o tempo final está se aproximando, culpando-o por desestabilizar a carroça de melancias que os papas João Paulo II e Bento XVI mantiveram completamente cheia de 1978 a 2013, ou seja, durante 35 anos. Enquanto os reconhecidamente progressistas são encorajados por Francisco, há pouquíssima mudança concreta para a qual podemos apontar.

A visita do papa aos EUA, mesmo sob o meu olhar crítico, foi um sucesso esmagador. Nunca havíamos visto um papa como ele antes, com o seu alcance na esfera política, bem como o seu toque pastoral hábil. Ele é, obviamente, talentoso em vários sentidos. Tem sido ajudado por Greg Burke, trabalhador da imprensa conservadora, ex-associado da Fox News Opus Dei, que tem uma mão cada vez mais forte nas relações públicas do Vaticano.

⁸ Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2013/06/27/canadas-changing-religious-landscape/>>.



Durante a sua visita ao país, foi difícil separar as alegres recepções, os doces momentos pastorais, especialmente com crianças e aqueles que estão doentes, dos cenários totalmente ocupado por homens e clérigos. Foi impossível assistir às missas e celebrações sem notar a completa ausência das mulheres de todos os cargos significativos de liderança litúrgica.

Foi chocante perceber que as mesmas multidões que aplaudiram suas palavras de apoio sobre justiça econômica e o papel dos EUA no mundo – o país de Abraham Lincoln, Dorothy Day, Thomas Merton, como ele colocou – estavam completamente silenciosas face o seu contingente todo masculino de assessores, as suas refeições entre os homens, enquanto as mulheres serviam a mesa, e a miríade dos conjuntos masculinos de bispos, seminaristas, sacerdotes, dos quais as mulheres foram sistematicamente excluídas.

Foi igualmente difícil não perceber o contexto homosocial em que vive o papa. Com algum *gaydar* em operação⁹, pode-se imaginar a probabilidade de uma dinâmica homossexual em ação também. Eu seria a última pessoa a se opor ao amor entre pessoas do mesmo sexo, mas sou a primeira a denunciar a duplicidade e há muito disso em ambientes católicos oficiais. É difícil conceber que, sejam seminaristas ou cardeais, eles vivem como querem e são pagos para defender publicamente ensinamentos e práticas que oprimem.

A história registrará que ele lutou fortemente, enfrentando enormes obstáculos, para reformar as estruturas financeiras do Vaticano, para substituir alguns dos criminosos mais notórios dos altos escalões do Vaticano e para inspirar a comunidade católica à vida simples, à partilha de recursos de forma misericordiosa. Ironicamente, o próprio cardeal que ele escolheu para colocar a casa financeira em ordem, o australiano George Pell, tem estado no centro de casos de abuso sexual daquele país. Pell foi convidado a depor à distância diante da Comissão Real do governo australiano para Respostas Institucionais ao Abuso Sexual Infantil. As declarações anti-queer de Pell falam por si.

Lamentavelmente, a história também irá registrar que pouca – ou nenhuma – mudança estrutural ocorreu, pelo menos nestes primeiros anos do pontificado de Francisco. Não ocorreram alterações auferidas para mulheres, salvo várias indicações muito seguras de algumas para certos dicastérios vaticanos. Mas nenhuma mulher foi ordenada ou nomeada cardeal (que não precisa, necessariamente, ser ordenada). Afora a iminente santidade da Madre Teresa, para o bem ou para o mal, nada mais que a mesma retórica velha sobre o papel especial das mulheres vem sendo proferida. Francisco se referiu a mulheres teólogas como “os morangos sobre o bolo”. A sua decisão de permitir que as mulheres tenham os pés lavados na missa da Quinta-Feira Santa foi interpretada como um progresso. Mas, mais uma vez, seus líderes de torcida desconsideraram a verdadeira

⁹ *Gaydar*, junção das palavras *gay* e *radar*, é a capacidade intuitiva de avaliar a orientação sexual de uma outra pessoa, identificando-a como gay (homossexual), bissexual ou heterossexual.



questão, a saber: que as mulheres ainda não podem participar como lavadoras de pés em um dia em que a Igreja Católica celebra o sacerdócio masculino.

Portanto, a meu ver o fator Francisco é, na melhor das hipóteses, um conjunto heterogêneo; na pior das hipóteses, ele é um complicador. Afinal, é difícil pedir mudanças estruturais no papado quando o papa é muito popular, especialmente entre possíveis pessoas progressistas. Uma avaliação desse gênero era mais fácil nos anos Ratzinger, quando ele próprio, como Bento XVI, era uma figura em grande parte antipática. Nesse período, ficou claro que somente mudanças estruturais reais, não uma mudança simplesmente cosmética, se faziam necessárias. Infelizmente, nos anos Francisco há indícios e vislumbres do que poderia ser possível – por exemplo, a resposta famosa de Francisco em relação a padres homossexuais: “Quem sou eu para julgar?” Alguém poderia pensar que, como cristão, o papa gostaria de julgar – e julgar favoravelmente – as relações de amor. Ver Francisco ainda ter dúvidas em mente, e ver as pessoas se agarrarem a tais palavras como se fossem endossos a plenos pulmões de amor, é moralmente embaraçoso, em minha opinião.

d. Perdas por causa de abusos sexuais do clero e acobertamento episcopal, agressão contra as freiras, rejeição das mulheres / pessoas LGBTs como membros de pleno direito na Igreja

Outro elemento do contexto católico atual é o elefante furioso na sala de estar católica, quer dizer, os padres envolvidos em casos de pedofilia e os encobrimentos episcopais tão bem documentados no filme premiado com o Oscar chamado “Spotlight”. O filme conta a história da equipe de investigação do jornal *Boston Globe* que investigou casos de padres que abusaram sexualmente de crianças. Uma das partes mais interessantes do filme é no final, quando há uma lista de outros lugares que tiveram problemas semelhantes. O público que assiste “Spotlight” tem ficado pasmo com a extensão da lista, que ao final encheu duas telas, com os nomes das cidades de todos os EUA, onde os padres foram acusados de forma credível e de casos que foram julgados. Admito que é chocante, mas suspeito também que o mesmo acontece em todo o mundo.

De acordo com o site de notícias e entrevistas National Catholic Reporter, “A igreja Católica nos EUA incorreu em cerca de 4 milhões de dólares em custos relacionados à crise dos abusos sexuais cometidos por padres durante os últimos 65 anos.¹⁰ Eu acredito que temos visto apenas a ponta desse iceberg. Na Diocese de Atoona-Johnstown, na Pensilvânia, um relatório judicial afirmou que “centenas de crianças foram molestadas, estupradas e destinadas a um duradouro trauma psicológico por clérigos cujos abusos foram encobertos pelos seus bispos, outros superiores e até mesmo oficiais da lei dos condados de Blair e Cambria, coniventes com a situação...”. A conspiração equivalia a um “assassinato da alma”, segundo o relatório, com o abuso acontecendo em todos os

¹⁰ Disponível em: <<http://ncronline.org/news/accountability/ncr-research-costs-sex-abuse-crisis-us-church-underestimated>>.



lugares, de acampamentos e casas para a própria catedral histórica. Essa descrição se repete em um inquérito feito por um outro órgão jurídico americano em referência à Arquidiocese da Filadélfia em 2005 e em 2011. Aqui, descobriu-se que cardeais e outros clérigos transferiram inúmeros abusadores conhecidos de uma paróquia a outra, paróquias estas que não suspeitavam da situação”.¹¹

Muitos casos de abuso sexual de mulheres adultas pelo clero ainda devem vir à luz. Mais do que qualquer um dos outros fatores que moldam esta mudança de era, esses casos, cada um uma tragédia em seus próprios termos, apagaram a confiança na Igreja Católica, causaram uma vergonha e uma culpa imensuráveis não apenas para as vítimas e sobreviventes, mas em outras pessoas, anulando qualquer autoridade moral da Igreja institucional que ela possa querer reivindicar.

A agressão do Vaticano contra as freiras, a não ordenação de mulheres, a injustiça reprodutiva, e os maus-tratos flagrantes de católicos/as LGBTQs fazem parte deste contexto. Eu enumero estas questões todas juntamente com os problemas de abuso, pois são todas partes do mesmo esforço para desviar a atenção dos crimes hediondos, numa tentativa desesperada de manter o status quo de modo a esconder o comportamento criminal. Não estou certa de que eu mesma entenda ainda tudo o que está envolvido, mas não tenho outra explicação para as ações da instituição, dado que as nossas culturas se tornaram cada vez mais abertas às diferenças e à diversidade. Em um esforço para desviar a atenção dos casos de abusos sexuais cometidos pelo clero e os encobrimentos episcopais das atividades criminosas, oficiais hierárquicos da Igreja se envolvem no disciplinamento de ordens religiosas femininas, opõem-se à ordenação de mulheres em ministério competente, engajam-se em campanhas contra o controle de natalidade e o aborto, investem pesado para retroceder nas questões relacionadas ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e demitem pessoas *queer* de instituições católicas.

O papel exagerado que estas questões têm tido na vida da Igreja atesta o fato de que algo mais profundo está acontecendo. Por exemplo, as freiras dificilmente são o inimigo; padres/bispos gays protestam demais contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo; e o aborto não é mais problemático do que a pena de morte, exceto que os corpos das mulheres estão envolvidos. Simplificando, eu acho que a oposição virulenta às mulheres e às pessoas abertamente LGBTQs, afirmativas e autoarrealizadas, origina-se do medo de que vamos ver o que se passa e vamos responsabilizar clérigos, muitos deles homens gays, enrustidos. Manter mulheres e pessoas *queer* fora do poder é manter a obstrução muito depois de quaisquer argumentos razoáveis contra a nossa plena participação já terem sido derrubados.

¹¹ Disponível em: <<http://www.post-gazette.com/news/state/2016/03/01/Staggering-abuse-cover-up-in-Altoona-Johnstown-diocese-grand-jury-says/stories/201603010091>>.



A Visitação Apostólica às comunidades religiosas femininas e a avaliação doutrinal da Leadership Conference of Women Religious [Conferência de Lideranças das Religiosas] advieram do alto escalão da Igreja, que investiu esforços financeiros elevados para desacreditar as próprias mulheres que foram indiscutivelmente as expoentes mais fiéis dos mesmos valores que o Papa Francisco está agora difundindo. Estas irmãs administram escolas e hospitais, trabalham em sopões e em ministérios prisionais, em paróquias pastorais e promovem a paz. *Green Nuns* fizeram do trabalho ambiental a sua assinatura muito antes de entrar na moda. Embora ambas as investigações vaticanas já foram resolvidas, aparentemente em favor das religiosas, a dinâmica de poder não mudou. A mesma situação em que a vida das mulheres é atropelada pode voltar a se repetir no futuro. Embora o impacto sobre as religiosas foi positivo em termos de vinculação entre elas e contra um opressor, este mesmo impacto foi negativo considerando que algumas mulheres conspiraram contra outras. Além disso, a publicidade resultante acabou sendo uma distração dos atos criminosos cometidos por alguns homens da Igreja.

A não ordenação de mulheres é outro caso no qual a Igreja institucional perdeu a vez. Enquanto décadas atrás poder-se-ia perdoar alguém por ligar sexo com competência, aptidão e adequação para uma tarefa, atualmente esses dias acabaram. O programa U.S. Army Ranger, com suas mulheres graduadas e bem-sucedidas, é testemunha aqui. Não se trata de um essencialismo de gênero simplista que torna as mulheres menores do que os homens. Nesta era de mudanças com o advento das pessoas transexuais, nós não sabemos o que é um homem ou o que é uma mulher, portanto, essas categorias de pouco nos servem. Em vez disso, creio que está enraizada na falta de vontade de compartilhar jurisdição, isto é, de compartilhar a tomada de decisões, com as mulheres e outros que são sistematicamente excluídos. Isto, muito mais do que a rejeição de talento/formação ministerial sacramental e pastoral das mulheres, é um esforço para evitar que “pessoas de fora” vejam como as coisas realmente funcionam em muitas dioceses.

Esforços fracassados para impedir o casamento homoafetivo, mesmo após a decisão da Suprema Corte americana em 2015, tornando-o legal, representa um grande desperdício de dinheiro por parte da Igreja com o que nem leigos e nem mulheres padres / bispos têm voz, nem voto na decisão. Em vez disso, Dom Salvatore Cordileone, de San Francisco, e colegas continuam pressionando contra a lei estabelecida. Enquanto ninguém está forçando a Igreja Católica a celebrar casamentos entre pessoas do mesmo sexo, ao mesmo tempo autoridades eclesiais não têm o direito de gastar milhões de dólares destinados a cuidar daqueles que ficaram pobres e para erradicar a pobreza em processos jurídicos e campanhas em referendos para retirar uma ideia cujo tempo já chegou e já está assegurada por muitos países ao redor do mundo.

A campanha antiaborto é outro exemplo de liderança clerical descontrolada. Da marcha anual em Washington às lápides e cruzes recordando fetos tão descaradamente exibidos na frente



de algumas igrejas, a batida de tambor continua. A afirmação equivocada da liberdade religiosa como um motivo para isentar algumas instituições católicas e outras da prestação de assistência à saúde reprodutiva plena às empregadas não deixa dúvidas quanto a uma Igreja institucional desconectada de seus fiéis.¹² Tal acomodação sensata em uma democracia é simplesmente mais do que alguns grupos católicos podem tolerar. Vamos ver o que o a Suprema Corte tem a dizer, mas a minha opinião é que esta religião está perdendo o norte em um país religiosamente pluralista.

Infelizmente, os líderes dessas iniciativas parecem não ter captado a mensagem do Papa Francisco de superar o que o teólogo Daniel C. Maguire apropriadamente chamou de questões da “zona pélvica” e de concentrar-se nas questões da guerra, da economia e do meio ambiente. Ensinamentos sociais católicos contra a guerra e em favor da justiça econômica e, recentemente, a publicação da encíclica *Laudato Si'* sobre justiça ecológica são grandes contribuições para o diálogo global. É difícil, porém, recomendar esses documentos quando suas premissas subjacentes sobre as mulheres são tão duvidosas.

Dados esses fatos contextuais, não é difícil montar um argumento para uma mudança nessa nova era.

II. O caso para mudança

É moralmente vergonhoso fazer parte de uma organização que discrimina. Até mesmo o Cardeal Pell, no seu depoimento diante da Comissão Real australiana, admitiu que ele não poderia defender o indefensável. Mas o indefensável não está limitado ao abuso sexual; inclui a negação do protagonismo moral das mulheres, dos direitos humanos das pessoas *queer*, e assim por diante. Já que ser religioso ou religiosa é uma atividade voluntária, muitos são o que os estudiosos e estudiosas das tendências religiosas chamam não apenas de “pessoas sem religião” (*nones*), mas também de indivíduos que dizem “já chega, já deu” (*dones*), ou seja, aqueles que dizem estarem fartos de religião, e ponto final.

Algumas pessoas querem retomar o que se ouviu no Vaticano II, porém este evento já está muito distante de nós. Assim como ele acolheu inúmeras mudanças, forças conservadoras da Igreja institucional fizeram-se também presentes e permanentes. Muitos/as jovens e não tão jovens, que agora tomam decisões sobre suas vidas religiosas, não tinham experiência alguma da vida antes do Vaticano II, da animação que o Concílio gerou nos *baby boomers* católicos e seus pais, e quão profundamente decepcionante têm sido os últimos 35 anos. Para eles, o Vaticano II é o equivalente funcional aos concílios de Trento e Calcedônia. A era pós-Vaticano II terminou tanto em termos

¹² Disponível em: <<http://www.usnews.com/debate-club/do-the-little-sisters-of-the-poor-have-a-case-against-obamacare>>.



reais como em utilidade enquanto metáfora. Da mesma forma, todos nós vimos o impacto dos católicos conservadores sobre a Igreja e como ele moldou a experiência padrão dessas pessoas.

Além disso, o mercado religioso dos EUA está repleto de opções – práticas contemplativas como a meditação budista são populares; o yoga está na moda; programas de 12 etapas atendem às necessidades espirituais de muitas pessoas; igrejas protestantes, especialmente as episcopais e luteranas de tradições sacramentais, atraem muitos católicos; os unitaristas e a Igreja Unida de Cristo atraem pelo seu liberalismo, para citar apenas algumas opções que os católicos estão tomando quando se cansam da Igreja de Roma. Há um aumento notável de ofertas religiosas online e por telefone. Obviamente, a fome e a sede de comunidade não têm diminuído só porque uma igreja institucional é tão corrupta ou outras ofertas não são atraentes. Nem o nosso desejo de trabalhar com justiça social foi deixado de lado só porque as formas de organização usuais são tão frágeis. Em vez disso, como dizemos no movimento de mulheres-igreja, nós deixamos as necessidades do mundo, e não os fracassos da igreja, definir nossa agenda.

Muitas pessoas têm contado com sua fé religiosa para ajudar a terra, orientar e animar respostas à injustiça estrutural. Agora, com a instituição Igreja Católica em estado tão decrépito, eu me preocupo que muitas pessoas estejam sem recursos importantes para motivar, estimular e apoiar os seus esforços. Ao invés de abandonar uma rica tradição, para não mencionar os seus recursos, ou deixá-la nas mãos de patifes, proponho-me a abraçar o que chamo de um “Catolicismo Cósmico” como uma alternativa razoável e emocionante. Afinal, a nossa estrutura agora é cósmica com o cuidado voltado para a Terra e para além de uma parte real da consciência contemporânea.

III. O “Catolicismo Cósmico”

O “Catolicismo Cósmico” é uma forma de identificar onde muitos católicos se encontram neste momento. Penso que a comunidade católica é como uma imagem que começou pequena e cresceu, e cresceu, e cresceu em números e, o que é mais importante, na variedade de expressão. Todavia, a moldura que cerca essa imagem não cresceu em nada. Em essência, a imagem se sobrepôs à sua moldura. Penso na Igreja Católica como uma moldura, e na comunidade católica como sendo a imagem. Nós variamos amplamente, desde o Opus Dei às Católicas pelo Direito de Decidir, de Roma a Berkeley, de monjas contemplativas a adolescentes exuberantes, mas todos e todas afirmamos caber em um conjunto crescente de fiéis. Isso nem sequer começa a abordar a complexidade dos católicos ortodoxos. Pelo contrário, enfatiza o fato de que o catolicismo romano é apenas uma das muitas opções. O catolicismo cósmico é outra.

Muitas pessoas têm utilizado a frase “catolicismo cósmico” de maneira simplista. Mas eu quero reivindicá-la intencionalmente e destrinchá-la para uma compreensão concreta do que pode parecer, à primeira vista, uma compreensão difusa e amorfa. Por “Catolicismo Cósmico” (eu ainda

estou debatendo sobre a utilização dos Cs maiúsculos ou cs minúsculos) **quero dizer um acolhimento espiritual e religioso de tudo o que é (“católico”), da criação divina contínua da vida humana, animal e das plantas que podemos ver, e da mesma forma quanto àquilo que não podemos ver.** Em parceria com a ciência, o nosso acolhimento continua crescendo enquanto as nossas responsabilidades continuam mais intensas no sentido de salvaguardar o bem da Terra e do que está para além do cosmos. Em termos de teologia e das muitas religiões do mundo, há uma crescente variedade de maneiras de expressar o que é mais significativo e valioso. Em termos de ação, há infinitamente mais pessoas com quem colaborar para a justiça. Este é o material de fé do século XXI que molda comunidades e serve como um trampolim para a vida interplanetária.

Os filhos de hoje estão amadurecendo em um contexto em que muitas perspectivas religiosas são respeitadas e honradas. O catolicismo não é melhor do que as demais, ou até mesmo o primeiro entre iguais. Ele é igual entre iguais. Nenhuma religião tem a resposta final e correta para todos os momentos. Vai levar algum tempo para que muitos católicos, que foram educados de outra forma, se acostumem com isso, especialmente as autoridades romanas que repetem incessantemente que o catolicismo romano é a única e verdadeira Igreja de Cristo.

Essa nova realidade requer um tipo diferente de fé em comparação com aquela certeza que caracterizou a visão católica de mundo noutros tempos. Ela convida a uma variedade de perspectivas, a uma série de práticas e a um respeito pela diversidade tanto entre as religiões como – e talvez ainda mais – dentro das próprias tradições. Ser religioso/a desta forma requer prática. É por isso que somos chamados/as de católicos/as praticantes.

De modo geral, a religião ocupa um lugar na arena pública ao passo que a espiritualidade é uma questão, em grande medida, interior. Portanto, as formas institucionais da religião importam muito. Se uma instituição, como o Vaticano, é incapaz de carregar o peso do Evangelho, então ela pode e deve mudar. É por isso que as comunidades religiosas femininas, por exemplo, mudaram de forma tão drástica. Elas não estão respondendo a modismos e tendências, mas às necessidades do mundo e da capacidade de seus membros em satisfazer essas necessidades. Qualquer coisa a menos é um desperdício.

Um vislumbre de alguns aspectos do Catolicismo Cósmico instiga mais desenvolvimento e dá uma ideia de como isso pode funcionar no contexto de mudança nas dinâmicas de poder na vida contemporânea. Por exemplo, **o ministério é o exercício da criatividade em resposta à necessidade.** Este entendimento intencionalmente amplo torna o ministério uma atividade comum no catolicismo cósmico; o sacerdócio não é central, mas o ministério o é. Para aqueles que fazem dele seu trabalho de vida, há uma miríade de opções e modelos a serem elaborados. Mulheres católicas, geralmente indesejadas nos seminários, obrigadas a pagar por sua própria formação e sem qualquer garantia de emprego quando concluem os estudos, abriram o caminho para isso.



Existem alguns programas de treinamento emergentes que refletem as novas necessidades de um mundo religiosamente diverso. Existem programas de estudo onde estudantes católicos/as, presbiterianos/as, judeus/judias e muçulmanos/as fazem todas as aulas juntos. Escolas como o Seminário Hartford, em Connecticut, e o Seminário de Teologia de Chicago estão preparando os alunos para o ministério juntos, assim como estudantes de direito e de medicina cursam os primeiros anos dos programas de graduação. Todos eles têm as mesmas disciplinas acadêmicas e se especializam mais tarde. Portanto, há muçulmanos que estudam com os católicos, judeus que aprendem com metodistas em salas de aula de futuros ministros. Isso significa preparar as pessoas para o ministério em um mundo religiosamente plural e em que muitas pessoas não são religiosas, mas ainda assim têm necessidades humanas de acompanhamento, companheirismo, formação e assim por diante.

A teologia no Catolicismo Cósmico requer uma aproximação igualmente diversificada e criativa. **A teologia é um esporte em equipe, um empreendimento coletivo que acontece em comunidades onde seus membros perguntam e respondem a questões de significado e valor maior.** A formação acadêmica, especialmente os estudos históricos, teoria e estudos bíblicos, vai colidir com *lo cotidiano*, conforme a teóloga *mujerista* Ada Maria Isasi-Díaz chama as experiências diárias de pessoas. Assim como na física de partículas, onde aceleradores aceleram as partículas de modo que, ao colidirem, possam assumir novas formas, também na teologia temos de reunir os ricos recursos de muitas religiões, as ciências físicas e sociais, as artes e, acima de tudo, experiências humanas comuns, e imaginar novas respostas para novas perguntas por novos interlocutores.

Este processo complexo e inclusivo é simplesmente importante demais para ser deixado nas mãos de uns poucos. A teologia é o poder de nomear e articular o que é e o que deveria ser, são as nossas melhores suposições e esperanças razoáveis sobre a interação divina e humana. É o poder que deve ser compartilhado a fim de se realizar o seu potencial. Essa partilha de poder está no coração da nossa nova era e não é feita facilmente.

Os recipientes desse poder são as estruturas de uma organização. É por isso que a mudança na Igreja institucional é uma parte importante da nova era. **O recipiente chamado catolicismo romano não é grande o suficiente para a realidade chamada catolicismo cósmico.** Nem as estruturas hierárquicas, ou melhor, as estruturas kyriárquicas, são adequadas para o compartilhamento de poder que a nova era requer. É simplesmente impossível, em uma era de comunicação e compartilhamento de informação instantânea, ter maneiras de fazer as coisas de cima para baixo em qualquer estrutura de poder a não ser em uma ditadura. Em organizações democráticas, há muitas maneiras de socializar a informação e compartilhar a tomada de decisão. Essas percepções sustentam os esforços de muitas mulheres católicas em criar novas formas de

ser igreja, seja por causa da nossa exclusão da Igreja kyriárquica, seja porque faz mais sentido do que tentar mexer com um modelo quebrado.

O romano-centrismo há muito perdeu a sua utilidade. No Catolicismo Cósmico, grupos descentralizados, integrados horizontalmente, liderados por grupos indígenas, podem funcionar e funcionam muito melhor. É claro que há muito mais para reformar, para imaginar, se quisermos criar estruturas úteis que facilitam a partilha, a comunicação e a tomada de decisão. Enquanto fazemos o trabalho desconstrutivo em Roma e em chancelarias locais, que terão de receber novos propósitos, precisamos fazer o trabalho de reconstrução em nível local. Vai ser difícil, na melhor das hipóteses, mas estou convencida de que, mesmo em nossos piores momentos, o simples esforço para ouvir e incluir muitas vozes será uma melhoria considerável em relação ao modelo excludente atual. Se não podemos ouvir nossos irmãos e irmãs africanos, o que os marcyanos católicos podem esperar?

No coração da religião não há instituições, mas espiritualidade. **A herança da espiritualidade católica, mais rica do que se possa imaginar, é uma combinação de sacramento e solidariedade baseada em valores e práticas articuladas com o Evangelho.** Parece inútil alijar ao em vez de incorporar essas dimensões úteis para o Catolicismo Cósmico, portanto eu recomendo tecê-la entre as novas ofertas.

Não deve ser surpresa que a liturgia e o ritual se tornam o marco zero da mudança religiosa. Práticas aparentemente benignas podem gerar mais atrito, uma incompreensão mais profunda e sentimentos mais duros. Nos círculos católicos, algumas das batalhas mais vigorosas são pela linguagem litúrgica como se as próprias palavras fossem mais importantes do que o espírito por trás da sua fala. A questão da ordenação de mulheres está oficialmente banida da discussão porque é tão impensável para alguns com visão estreita que afirmam conhecer o que o Divino pretende.

Eu acho que essas lutas de poder surgem porque a nossa intuição mais profunda é que nós queremos ser um – ser um com o Divino, um com o outro e com o cosmos, mas, mesmo assim, nossa individualidade também implora por expressão. É quase inevitável, portanto, que iremos colidir e que vai ser doloroso, à medida que mais e mais pessoas se tornarem protagonistas da nossa vida religiosa.

A religião é uma experiência dinâmica, que muda com as gerações. Assim, num momento em que a convulsão política é o novo normal, é útil olhar para as religiões, neste caso, o catolicismo, para entender quão relacionadas aos fundamentos são as mudanças. Assim como o catolicismo vai parecer diferente em meados do século XXI, também o cenário político contemporâneo e suas dinâmicas de poder vão resultar em novas mudanças, nem sempre bem-vindas. Se houver mais inclusão, variedade e compromisso com a justiça, haverá razão para sermos otimistas e, para, até mesmo, termos esperança. Se houver contração, homogeneidade e opressão, haverá razão para



sermos pessimistas e para, até mesmo, termos medo. A resposta ainda não está clara, mas as mulheres católicas são protagonistas importantes nesta luta.

[Recebido em: junho de 2016 /
Aceito em: julho de 2016]